

**O CULTO DA PERFORMANCE: O NOVO MODELO DE TRABALHO  
DO SÉCULO XXI**

***EL CULTO DE LA PERFORMANCE: EL NUEVO MODELO DE TRABAJO DEL  
SIGLO XXI***

***THE CULT OF PERFORMANCE: THE NEW MODEL OF 21ST CENTURY  
WORK***

Thiago Alencar da ROCHA<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo visa debater o conceito de ‘culto da performance’ elaborado por Alain Ehrenberg e colocá-lo em posição de diálogo com outros autores da sociologia contemporânea que pensam o mundo do trabalho, a sociedade e suas dinâmicas do século XXI. Através da perspectiva do ‘trabalhador-empresendedor’ e a sua justaposição ao modelo ‘trabalhador-fordista’ do século XVIII, procura-se clarificar os elementos que compõem o novo modelo de empregado e empregador baseado nos pressupostos do empreendedorismo, da metáfora do trabalho como um esporte heroico e suas principais consequências de ordem psicológicas, entre elas a depressão e a ansiedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Culto da performance. Sociologia do trabalho. Sociologia contemporânea. Depressão no trabalho.

**RESUMEN:** *El presente artículo trata de debatir el concepto de ‘culto de la performance’ elaborado por Alain Ehrenberg y colocarlo en posición de diálogo con otros autores de la sociología contemporánea que piensan el mundo del trabajo, la sociedad y sus dinámicas del siglo XXI. A través de la perspectiva del ‘trabajador-empresendedor’ y su yuxtaposición al modelo ‘trabajador-fordista’ del siglo XVIII, el propósito de este escrito aclara los elementos que componen el nuevo modelo de empleado y empleador basado en los presupuestos del espíritu emprendedor, de la metáfora del trabajo como un deporte heroico y sus principales consecuencias de orden psicológico, entre ellas la depresión y la ansiedad. culto de la performance; sociología del trabajo; sociología contemporánea; depresión en el trabajo.*

**PALABRAS CLAVE:** *Culto de la performance. Sociología del trabajo. Sociología contemporánea. Depresión en el trabajo.*

**ABSTRACT:** *This article aims to discuss Alain Ehrenberg's concept of ‘cult of performance’ and to put him in a position of dialogue with other authors of contemporary sociology who think about the world of work, society and its dynamics of*

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara - SP - Brasil. Mestrando em Ciências Sociais do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. ORCID <<http://orcid.org/0000-0001-6390-7628>>. E-mail: talencardr@gmail.com

*the 21st century. Through the perspective of the 'worker-entrepreneur' and his juxtaposition to the eighteenth-century 'worker-fordist' model, the purpose of this paper is to clarify the elements that make up the new model of employee and employer based on the presuppositions of entrepreneurship, the metaphor of work as a heroic sport and its main psychological consequences, among them depression and anxiety.*

**KEYWORDS:** *The cult of performance. Sociology of work. Contemporary sociology. Depression at work.*

## Introdução

A pós-modernidade trouxe algumas problemáticas que ultrapassaram a visão utópica de um futuro pleno e igualitário. Dentro deste cenário, pode-se destacar a questão do hiperindividualismo e o culto à performance, conceitos trabalhados na obra *O culto da performance*, obra do sociólogo Alain Ehrenberg. Enquanto as relações sociais tornaram-se ao longo dos anos mais vazias e de pouco sentido, o 'eu' tornou-se um hino universal, quebrando barreiras geográficas, desterritorializando-se e, principalmente, indiferente às classes sociais. O discurso amplamente propagado dentro da lógica e literatura empreendedora, diz que o indivíduo pode ser capaz de tudo, assume a responsabilidade pelo seu presente e futuro. Desta maneira, a visão de poder controlar a vida privada em busca de sucesso econômico, social e político carrega consigo um senso de autonomia que muda completamente a configuração do mundo moderno. Num contexto onde todos os indivíduos são capazes de empreender, criar e traçar o próprio destino, juntamente um cenário de incertezas se põe à realidade. O medo, a depressão e a constante reafirmação de habilidades (físicas ou intelectuais) constroem um indivíduo incapaz de prever qualquer passo posterior, uma vez que a insegurança fará parte de sua vida de modo involuntário. Como meio de combater determinadas fragilidades do trabalhador contemporâneo, as organizações atualmente articulam elementos do discurso esportivo para o cotidiano das fábricas, comércios, entre outros empreendimentos, dando uma nova significação ao trabalho rotineiro, agora visto como um desafio de aventura que qualifica pequenas ações em grandes vitórias. Ou seja, o trabalho atualmente transforma agora o indivíduo em herói (EHRENBERG, 2010).

A partir desta complexa transformação na esfera do trabalho, este artigo pretende expor de modo panorâmico algumas chaves de acesso através do pensamento

do sociólogo Alain Ehrenberg para compreender o fenômeno do culto da performance amplamente disseminado dentro das organizações. Além disso, de maneira a complementar a análise do mundo pós-moderno, Zygmunt Bauman e Ulrich Bech trarão elementos de grande importância que ajudarão a contextualizar as problemáticas apresentadas.

### **A pós-modernidade e o indivíduo**

Para a compreensão do cenário pós-moderno faz-se necessária a identificação de alguns elementos que ajudaram a moldar o indivíduo do final do século XX até os dias de hoje. Após o grande conflito da Segunda Guerra Mundial, diversos movimentos surgiram em prol de um desligamento paulatino da pessoa ao Estado-nação. O progressivo esvaziamento de identificação do homem em relação ao Estado trouxe diversas consequências. Primeiramente, o Estado deixou de ser uma figura importante para a condução da civilidade, em segundo, pessoas tornaram-se cidadãos globais, uma vez que a aproximação entre indivíduo e sua política nacional esfacelaram-se. Deste modo e, ajudando a compor o processo de individualização como se reconhece em nosso tempo, os movimentos feministas na década de 60, o declínio das narrativas e ideais e institucionais nos anos 70 figuraram um cenário de indisposição ao coletivo. Entre os anos 1989 e 1991, a queda do muro de Berlim e o triunfo do neoliberalismo deu início a uma nova perspectiva social. Seja pelo Estado ditador de regras ou um Estado providência em pleno declínio, a figura do indivíduo tomou uma forma remodelada, agora com plena convicção que o seu futuro não deverá depender de fatores externos, como a política de seu país ou os dogmas religiosos, por exemplo. Liberto das amarras que moldaram as gerações passadas, agora o indivíduo vê à sua frente um horizonte recheado de possibilidades, podendo ser quem quiser e em qualquer lugar do globo (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2003). O cidadão global não possui vínculos, não possui apego local e a partir dessa visão de mundo que também surgem problemas de ordem social não previstos.

Segundo Beck, “os atores da modernização acabam inevitável e bastante concretamente, entrando na ciranda dos perigos que eles próprios desencadeiam e com os quais lucram” (BECK, 1944, p. 44). Deste modo, seja pelo processo desencadeado da hiperindividualização ou pelas ações danosas não visíveis à priori do capitalismo, o

mundo pós-moderno sofre de alguns sintomas indesejados provenientes do seu próprio progresso. O ‘culto da performance’, por exemplo, representa adequadamente uma das inúmeras consequências do cenário atual. Sobre a proposta de reinvenção do trabalhador desgastado pela aceleração do tempo e falta de vínculos sociais e políticos, uma nova configuração de trabalhador surge a partir do século XX, o profissional em busca constante pela alta performance.

### **O empreendedor moldado pelo esporte-aventura: do individualismo à depressão nervosa.**

A velocidade proporcionada pela globalização e, principalmente, após o advento massivo da informática adicionou uma nova visão de mundo no sistema capitalista. As transnacionais agora produzem suas mercadorias em todo o globo, fracionando o trabalho em lugares distintos a fim de reduzir custos com mão-de-obra ou matéria-prima, tornando o regular o processo de desterritorialização. A lógica por trás destas ações a grosso modo resume-se em manter o mercado funcionando sobre o preceito da busca cada vez maior pela lucratividade. No entanto, a força motora que dá prosseguimento ao movimento advém da força humana, obrigando os empregadores a compor um novo repertório motivacional para manter os funcionários em suas respectivas ações sem a perda gradual da produtividade. Ehrenberg, em seu livro “O culto da performance”, procurou debruçar-se sobre essas transformações no mundo do trabalho do século XXI. O discurso comumente utilizado pelos gerentes traz à tona o esporte como figura simbólica para o rompimento de barreiras psicológicas e sociais no mundo do trabalho, ou seja, a falácia de que o trabalhador deve agir cotidianamente como um herói desportista para bater as suas metas, seus objetivos e sucessivamente ‘vencer batalhas’. Deste modo, cada indivíduo assume a total responsabilidade pelo seu fracasso ou sucesso no mercado de trabalho. Notadamente, o caminho percorrido por esse discurso gerencial reflete o processo de individualização crescente do homem como um todo. A ação parte do indivíduo e para o indivíduo.

Quando não há referenciais tocantes na esfera social, religiosa e política, não há também outro recurso para o indivíduo se apoiar que não seja ele mesmo. Uma vez que o indivíduo agora busca sua valorização, sua apresentação frente a uma modernidade extremamente competitiva, uniu-se a ânsia do empregador em motivar seu empregado

para executar suas funções de maneira eficaz e produtiva com a expectativa do sujeito trabalhador (ou ‘trabalhador-empendedor’), que agora busca atribuir um significado à sua força de trabalho, um significado além da prática.

Tendo em vista a derrocada do pensamento coletivo na modernidade, o indivíduo hoje vê-se ilimitado, encantado pela possibilidade de alcançar seus diversos sonhos, seja de consumo ou de posição e prestígio social. Para Ehrenberg (2010), o quadro simbólico representado por um ‘ícone midiático’, um ator ou um atleta de grande expressão, por exemplo, anteriormente ao movimento neoliberal mostrava-se apenas como uma estrela que era apreciada à distância. As pessoas acompanhavam tais ícones apenas em via de admiração, porém permaneciam em sua rotina, seus trabalhos pré-designados. Atualmente não se observa mais uma genuína admiração do indivíduo aos artistas da arte em geral ou desportistas profissionais. A contemporaneidade dá meios para que cada sujeito torne-se seu próprio modelo ético, moral e de sucesso (pessoal e profissional). Especialmente após a queda do muro de Berlin, a figura do indivíduo rompeu também com a noção estática do ‘ser’, podendo locomover-se para diferentes meios, ações e trabalhos. Tal mudança, pode-se perceber, constrói automaticamente a figura de um herói, um ser comprometido com a incerteza, sem medo das possíveis adversidades e em pronto para a aventura. De acordo com a visão de Baudelaire apresentada por Ehrenberg (2010), vivemos tempos em que o heroísmo assume um papel crucial na vida do indivíduo. Não basta apenas enxergar o cotidiano de um operador de máquinas em uma fábrica, por exemplo, mas sim como um gladiador vencendo incansáveis batalhas para honrar sua bravura e dignidade para receber o seu pagamento ao final de cada mês. Ainda, segundo Walter Benjamin, “o herói é o verdadeiro sujeito da modernidade. Isso significa que, para viver a modernidade, é preciso uma natureza heroica” (EHRENBURG apud BENJAMIN, 2010, p. 12).

O mito heroico atualmente transposto para a vida do homem pós-moderno serve de amuleto para o enfrentamento as adversidades e incertezas da contemporaneidade. Como meio de alcançar o pleno sucesso heroico, o empreendedorismo torna-se uma via de acesso pré-projetada para o alcance dos desejos individuais. O problema é que atualmente o desejo deixou de ser algo opcional, uma vez que torna-se obrigatório para a conquista de reconhecimento na sociedade. Segundo Ehrenberg, “o dever de aparecer – nem que seja apenas diante dos próprios olhos, como o nobre que deveria manter sua categoria até mesmo na miséria” (EHRENBURG, 2010, p. 12) torna-se um fator comum. O fator comum nessa busca incessante está na provação diária pela perspectiva

heroica. Para Ehrenberg, “ter de provar, constantemente, sua própria existência é, ao mesmo tempo, o motor e a fragilidade do indivíduo puro” (EHRENBURG, 2010, p. 33). A significação de ações econômicas, o batimento de uma meta empresarial, a permanência do funcionário na fábrica além da jornada de trabalho, a exposição insuflada de um ego narcisista, demonstram de maneira problemática que, além do suposto ‘sucesso profissional’, também que desastrosas consequências podem ocorrer aos indivíduos moldados nessa lógica.

O aumento do uso de medicamentos para solucionar problemas psíquicos aumenta vertiginosamente ano após ano numa tentativa de resolver problemas de insônia, ansiedade, depressão e conseqüentemente, também disfarçar os conflitos proporcionados pela competitividade vivenciada pelo indivíduo contemporâneo, aquém do discurso heroico, uma vez que não consegue alcançar as glórias pessoais pregadas pela ideologia da performance. Segundo relatório emitido pela OMS em 2017 (NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL, 2017), apenas entre 2005 e 2015 o índice de pessoas com depressão aumentou 18%, sendo que no Brasil já são 11,5 milhões de pessoas afetadas pela doença. Devido à negligência de sua devida importância, a depressão e a ansiedade crescem a ritmo vertiginoso e comprovam que independentemente do avanço das tecnologias, problemas de ordem psicológica<sup>2</sup> insistem em aumentar. Proporcionalmente, vimos nas últimas duas décadas o sucesso dos livros de autoajuda, novas drogas sintéticas para o aumento de performance, novos antidepressivos, ou seja, novas medidas para que o indivíduo busque em si o controle e erradicação do mal-estar, negando qualquer experiência que o socialize.

Simultaneamente aos problemas desencadeados pela nova racionalidade da esfera do trabalho, as gerências se apropriam simbolicamente do discurso esportivo como modelo de excelência e superação, tornando-se uma ferramenta importante para que as empresas, cada vez mais autônomas e indiscutíveis, preguem um comportamento semelhante ao desportista e formate seu empregado para que ele apenas prossiga produzindo, forneça mão-de-obra, faça a engrenagem capitalista rodar com maior eficiência e velocidade. Ehrenberg diz:

---

<sup>2</sup>Segundo pesquisas do International Stress Management Association no Brasil (ISMA-BR, 2017) realizadas em 2015 os dados são alarmantes: 72% dos brasileiros economicamente ativos estão estressados, sendo que 30% sofrem de ‘Burnout’; os níveis de fobia ou pânico no ambiente laboral subiram de 8% para 13% entre 2014 e 2015.

[...] se a empresa tornou-se a figura emblemática da sociedade francesa desde o início do decênio precedente; se ela foi elevada ao posto de uma Instituição, da qual ninguém mais questiona a legitimidade; o esporte foi o vetor de sua popularização ao longo da última década. Esse papel central do esporte teve por condição uma mutação do imaginário esportivo, que se desconectou em grande parte de suas conotações populares e se apropriou da realização pessoal do consumo. (EHRENBERG, 2010, p. 14).

O dever de superar o semelhante; jamais desistir de um desafio; encarar pequenas ações como grandes conquistas, tornam-se elementos comuns dentro das pequenas ou grandes instituições empresariais e por isso devem ser louvados como um novo hino, não mais ao Estado-nação, mas uma ode ao hiperindividualismo, agora regado pelo discurso esportivo para dar andamento à sua reprodução.

Além das tradicionais estratégias de gestão pessoal no mundo do trabalho, Ehrenberg dá ênfase nova roupagem do esporte, o esporte-aventura. Naturalmente, contextualiza-se ao pensamento heroico do indivíduo pós-moderno, e ajuda a criar uma maneira de enxergar vida e o trabalho de modo mais dinâmico, genuinamente heroico. A ascensão do esporte-aventura para Ehrenberg “trabalha conjuntamente a dimensão da justa desigualdade, que se encontra na competição esportiva tradicional, e a da imprevisibilidade e do risco, que é essencial à aventura” (EHRENBERG, 2010, p. 16). Observa-se que tal discurso ganhou força a partir da década de 90 como uma forma de erradicação ou suprimimento das mazelas econômicas das quais o capitalismo ciclicamente vive. Como combater o desanimo dos funcionários frente a instabilidade e liquidez (BAUMAN, 2011) da pós-modernidade? A literatura gerencial acredita que a transformação de empresário em animador e do empregado em herói podem colaborar para o sucesso coletivo das empresas.

Segundo Ehrenberg, o culto pela performance nas organizações “se torna uma maneira de assumir a responsabilidade por si mesmo diante das carências das políticas públicas do emprego e da incapacidade da administração em manejar os laços eficazes entre oferta e demanda no mercado de trabalho” (EHRENBERG, 2010, p. 19). Neste contexto, o esporte deixa de ser uma atividade exclusivamente de atletas, pois torna-se parte do cotidiano das pessoas. Seja por mera melhoria estética ou necessidade física, na contemporaneidade o praticante de atividade física veste um poder identitário intenso, uma vez que representa uma imagem indissociável ao indivíduo pleno, ou seja, o esporte torna-se intrinsecamente uma maneira de expressar a identidade. Em suma, “o esporte é, de agora em diante, alguma coisa inerente ao desejo de ser sujeito por si

mesmo e não objeto de qualquer coisa; é por isso que ele passa mais por um ideal de libertação do que por uma moral de assujeitamento ou uma alienação” (EHRENBERG, 2010, p. 25). Para o indivíduo da pós-modernidade, figura a sua capacidade de autonomia, revelando mais uma faceta do poder executado de si para si, pois não depende de qualquer fator institucional externo. A tomada de responsabilidade que o esporte proporciona ao indivíduo é eficiente para assumir a culpa pela derrota, porém também serve para que dimensão da justiça e concorrência sejam balanceadas (EHRENBERG, 2010), feito que equaliza as desigualdades entre os envolvidos participantes. O conjunto de fatores que compõem o discurso esportivo de maneira eficiente ganham maior propriedade ao ligar-se ao conceito de aventura.

A aventura é válida quando há um risco, um contato direto com o desconhecido. O espírito aventureiro depende da incerteza para continuar vivo. A partir do momento em que os passos tornam-se previsíveis, deixa de ser interessante, dinâmico e é justamente o inverso que o mundo empreendedor deseja. A literatura gerencial observa o crescente aumento de esportes-aventura, a escalada a um pico inexplorável, saltos em grandes vazios espaciais, competições de sobrevivência e uma dinâmica formatada pela vitória do ‘Eu’, e verifica o grande potencial dessa migração do esporte cheio de regras e comissões para aventuras onde a última regra estabelecida é única: ganhar. Seja a qualquer custo, o benefício autônomo da vitória trará um senso de pertencimento jamais visto ao indivíduo.

[...] a competição esportiva depende de um regime do progresso em situações estáveis, ao passo que a aventura depende de um regime da mudança em situações instáveis. Se a competição esportiva é um ideal social de justiça meritocrática, a aventura é uma forma de viver a mudança, quando o futuro é dificilmente previsível e quando a complexidade crescente do mundo embaralha as referências estabelecidas”. (EHRENBERG, 2010, p. 42).

Ao utilizar como base a visão liquefeita de mundo apresentada por Bauman (2011), pode-se interpretar a utilização do esporte-aventura também como uma resposta heroica à realidade instável da pós-modernidade. Lidar com a ausência de estruturas e instituições anteriormente estabelecidas resultam num caos e o esporte-aventura condensa todos os elementos numa narrativa heroica ao indivíduo que sobrevive e conquista seus objetivos. Em suma, o esporte serve de metáfora sobre como lidar com os problemas sociais, políticos e econômicos. Desta forma, Ehrenberg destaca duas



transformações que surgem no início dos anos 90 nos esportes-aventura e, principalmente nos indivíduos. Primeiro, o aumento generalizado da busca pessoal em governar-se a si próprio, tornar-se um mestre de sua arte, de suas ações pessoais e profissionais; em segundo, a criação de novas regras em ambientes e contextos desconhecidos, ou seja, a invenção de novos esportes de caráter aventureiro, novas estratégias para o domínio do mercado capitalista.

Ehrenberg demonstra elevado interesse em analisar como o discurso esportivo migra estrategicamente para as empresas e investigar a estrutura da qual é composta a ascensão do individualismo, agora detentora dos conceitos do esporte-aventura para se reinventar. Se no século XIX houve uma demarcada caracterização da disciplina para compor a concepção ‘tayloriana’ e ‘fordiana’, atualmente a palavra de ordem está centrada na autonomia do funcionário. Ao adentrar as empresas, a nova ordem gerencial é baseada na busca constante pelo “sucesso”, este amparado pela ideologia da alta performance. Enquanto a burocratização fez sentido num cenário econômico arraigado na segurança, após a crise torna-se necessária uma nova política gerencial composta por uma racionalidade econômica focada na autonomia do sujeito, ator da mudança. Assim, “independentemente do nível de penetração dessas práticas nas empresas (o discurso esportivo e o esporte-aventura), elas exprimem a oscilação da racionalidade gerencial em um novo paradigma da eficácia” (EHRENBERG, 2010, p. 79). Neste novo modelo comportamental das empresas, o funcionário é colocado em uma posição de ação, uma vez que irá colaborar ativamente com ideias que possam trazer maiores lucros à empresa; a ausência de uma estrutura hierárquica rigidamente construída hoje ramificou-se a ponto de trazer autonomia aos diferentes departamentos de uma mesma empresa. Há também a participação dos indivíduos nos lucros da empresa, onde notadamente parece servir como incentivo à permanência no ambiente de trabalho e um maior esforço para atingir as metas por parte dos trabalhadores. No entanto, mesmo tendo visto as mudanças comportamentais das empresas, encarando o funcionário com maior autonomia, feito que irá corroborar para uma alta performance para a empresa como um todo, não há meios de esconder que o modelo de empresa patriarcal, tradicional ou conservadora ainda é o tipo que predomina todo o mundo. Porém é inegável os impactos que esse novo modelo de empreendedorismo pode acarretar à vida do indivíduo. Se por um lado há um trato mais igualitário às pessoas que buscam a ascensão social num campo democrático, uma vez que o espaço está disponível a todos, tal rotina poderá desencadear um cansaço generalizado. Na obra “A Sociedade do

Cansaço”, Han (2010) revela as aterradoras consequências de uma vida atribulada pelo excesso de informação, excesso de trabalho, funções e, principalmente, cobrança pela alta performance. Para Han,

O excesso de positividade se manifesta como excesso de estímulos, informações, impulsos. Modifica radicalmente a estrutura e economia da atenção. Com isso se fragmenta e destrói a atenção. Também a crescente sobrecarga de trabalho torna necessária uma técnica específica relacionada ao tempo e à atenção, que tem efeitos novamente na estrutura da atenção”. (HAN, 2015, p. 31).

O estudo realizado por Ehrenberg conversa com os problemas de ordem social levantados por Han. Contudo, a vida sem limites e sem restrições da segunda modernidade<sup>3</sup> repercute na quebra de vínculos religiosos, familiares e políticos, como observado por Beck (2010). Simultaneamente ao progresso igualitário que a pós-modernidade prega, incute também três resultados: o hiperindividualismo, o hiperconsumismo e a hipercompetitividade. Logicamente, fazem parte da mesma formatação contextual disseminada pelo pós-guerra tais fatores responsáveis por modelar uma nova realidade e, sobretudo, novas identidades.

Enquanto lema, a eficiência no discurso do herói contemporâneo, o culto da performance e o indivíduo sem vínculos, parece inocentemente atrativa. Mas, como expõe Ehrenberg (2010), uma minuciosa análise deste cenário revela que o stress e a depressão em indivíduos que levam uma vida em ritmos frenéticos a fim se reafirmarem, provarem o seu valor, manterem o seu emprego, buscar uma estabilidade (como visto, inexistente) parecem estar intrinsecamente relacionados. Ehrenberg diz que “hoje, cada um, independentemente de onde venha, deve realizar a façanha de tornar-se alguém por meio de sua própria singularização” (EHRENBERG, 2010, p. 172). A responsabilidade carregada pelo indivíduo é de difícil administração, por isso o crescente aumento de doenças de ordem psíquica. Sendo assim, os benefícios e prejuízos proporcionados pelo culto da performance, seja no ambiente de trabalho ou em meio à sociedade civil, em ambiente público ou privado, suscita um ser desprotegido, pulverizado e liberto simultaneamente. Como lidar com as infintas possibilidades de ascensão social presentes no mundo pós-moderno juntamente às doenças emergentes das últimas décadas como a ansiedade ou a depressão? As respostas

<sup>3</sup>Em contraponto pode-se observar que na primeira modernidade os indivíduos eram regidos pelas forças nacionais, partidos políticos, sindicatos, família, Estado assistencialista, entre outros elementos que davam suporte à comunidade e o agir coletivo. Hoje o individualismo pós-moderno figura emblematicamente todo o oposto, um sujeito com valores descentralizados às instituições clássicas (BECK, 2010).

para este dilema engendram uma complexa análise sociológica, uma vez que afetam a sociedade, a política e a economia, e colocam em questão a validade do Estado-nação; o papel da igreja; da família; dos partidos; das escolas; das comunidades; das empresas; e da sociedade como um todo. O questionamento é pertinente para que se possa pensar novas alternativas de gestão empresarial ou até mesmo para um progresso no mundo do trabalho que minimize o ônus.

### Considerações finais

O artigo apresentou panoramicamente o desenvolvimento do individualismo e a prática discursiva do culto da performance utilizado pelo mundo do trabalho, tendo utilizado as metáforas do herói e do esporte-aventura, para a consolidação de um sujeito ambientado na adversidade. As diversas consequências da extenuação do funcionário perante um discurso prometeico em detrimento de sua saúde física e mental são alguns dos elementos problemáticos gerados por este cenário. Tendo visto que a literatura gerencial e o empreendedorismo como um todo se aproveitou da frágil relação do indivíduo frente as clássicas instituições da primeira modernidade, entender tal processo é de grande estima à academia, uma vez que aproxima a temática tão recente em constante modificação à tona a fim de desmistificar a inocência do discurso do hiperindividualista e suas aterradoras consequências sociais, políticas e econômicas.

### REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.

BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elizabeth. **La individualización: el individualismo institucionalizado sus consecuencias sociales y política**. Barcelona: Paidós Iberica, 2003.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: 34, 2011.

EHRENBERG, Alain. **O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa**. Aparecida, SP: Ideias & Letras. 2010.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

ISMA-BR. **Bateria Esgotada.** Disponível em: <<http://www.ismabrasil.com.br/img/estresse86.pdf>> Acesso em 25 de julho de 2017>. Acesso em: 27 abr. 2018.

NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL. **OMS registra aumento de casos de depressão em todo o mundo; no Brasil são 11,5 milhões de pessoas.** Disponível em <<https://nacoesunidas.org/oms-registra-aumento-de-casos-de-depressao-em-todo-o-mundo-no-brasil-sao-115-milhoes-de-pessoas>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

### Como referenciar este artigo

ROCHA, Thiago Alencar da. O culto da performance: o novo modelo de trabalho do século XXI. **Rev. Sem Aspas**, Araraquara, v. 7, n. 1, p. 156-167, jan./jun., 2018. ISSN: 2358-4238. DOI: 10.29373/semaspas.unesp.v7.n1.jan/jun.2018.11330

**Submetido em:** 28/04/2018

**Aprovado em:** 08/06/2018